

INSERÇÃO SOCIAL E MODOS DE FUNCIONAMENTO NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

SOCIAL INSERTION AND MODES OF OPERATION IN SCIENCE EDUCATION IN THE AMAZON

INSERCIÓN SOCIAL Y MODOS DE OPERACIÓN EN LA EDUCACIÓN CIENTÍFICA EN LA AMAZONÍA

Mônica de Oliveira Costa*
Caroline Barroncas de Oliveira**
Ana Patrícia de Souza Azevêdo***
Thalita Maciel Meleiro Lima****
Gabriel da Silva Bentes*****

RESUMO

Este artigo busca problematizar os modos de funcionamento da inserção social no Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (PPGEEC). Ao se ocupar da inserção social como parte do processo de avaliação dos programas de pós-graduação, é elucidativo analisar os discursos que estão sendo constituídos como entendimento de inserção social e os seus desdobramentos para a educação básica na Amazônia. O corpus de análise é constituído pelos documentos da inserção social elaborado pelos mestrandos no período de 2019-2022. Alinhamo-nos à análise do discurso em Michel Foucault, especialmente à ferramenta do discurso e enunciado. Nessa trama discursiva, emerge o enunciado como ideia de inserção social regional do PPGEEC como impacto social na Amazônia, a qual dá visibilidade para os efeitos das ações desenvolvidas (discurso científico) para a educação básica em nosso território. Para além do mapeamento das atividades desenvolvidas, o enunciado trata de problematizar a capacidade de um programa explicitar a forma como articula em seu âmbito a contínua modificação do conhecimento, a formação de profissionais e as demandas de transformação social que se apoiam a uma ideia de Amazônia vinculada a elementos naturais e

* Doutora em Educação em Ciências Matemática pela REAMEC - UFMT (2017). Professora/Pesquisadora na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: mdcosta@uea.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3771-3955>

** Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Rede Amazônica em Educação em Ciências e Matemática/ REAMEC - UFMT; UFPA E UEA(2020). Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas. Professora (Escola Normal Superior - Pedagogia - UEA), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: cboliveira@uea.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8430-2855>

*** Mestranda em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: apdsa.mca22@uea.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8489288618739249> ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2540-8279>

**** Mestranda em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: tmml.mca21@uea.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0555896320835126> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3420-6096>

***** Mestrando em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: gdsb.mca22@uea.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4128748231668837> ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0375-3732>



problemas ambientais, bem como refletida na sua exuberância física.

Palavras-chave: Inserção Social. Discurso. Impacto social. Pós-graduação. Amazônia.

ABSTRACT

This article problematizes the modes of social insertion within the Postgraduate Program in Science Education in the Amazon (PPGEEC). By addressing social insertion as part of the evaluation process of graduate programs, it is enlightening to analyse the current understanding of it and its implications for basic education in the Amazon. The corpus of analysis consists of the documents on social insertion prepared by the master's students during the period from 2019 to 2022. We align ourselves with Michel Foucault's discourse analysis, particularly with the concepts of discourse and statement. Within this discursive framework, the statements on social insertion of PPGEEC emerge a tool of social impact in the Amazon, which, in turn, provides visibility to the effects of the actions developed (scientific discourse) for basic education in our region. Beyond mapping the activities carried out, the statement seeks to problematize the ability of a program to explicitly articulate how it integrates the continuous modification of knowledge, the training of professionals, and the demands for social transformation that are linked to an idea of the Amazon associated with natural elements and environmental problems.

Keywords: Social Insertion. Discourse. Social Impact. Postgraduate Study. Amazon.

RESUMEN

Este artículo busca problematizar los modos de funcionamiento de la inserción social en el Programa de Posgrado en la Educación y Enseñanza de Ciencias en la Amazonia (PPGEEC). Al ocuparse de la inserción social como parte del proceso de evaluación de los programas de posgrado, es esclarecedor analizar los discursos que están siendo constituidos como comprensión de inserción social y sus desdoblamientos para la educación básica en la Amazonia. El recopilatorio de análisis está constituido por los documentos de la inserción social desarrollado por los estudiantes de maestría en el período 2019-2022. Nos alineamos al análisis del discurso en Michel Foucault, especialmente a la herramienta del discurso y enunciado. En esa trama discursiva, emerge el enunciado como idea de inserción social regional del PPGEEC como impacto social en la Amazonia, que da visibilidad a los efectos de las acciones desarrolladas (discurso científico) para la educación básica en nuestro territorio. Además del mapeo de las actividades desarrolladas, el enunciado trata de problematizar la capacidad de un programa explicitar la forma como articula en su ámbito la continua modificación del conocimiento, la formación de profesionales y las demandas de transformación social que se apoyan en una idea de Amazonia vinculada a elementos naturales y problemas ambientales, así como reflejada en su exuberancia física.

Palabras clave: Inserción Social. Discurso. Impacto social. Posgrado. Amazonia.

1 INTRODUÇÃO

Os modos de funcionamento da inserção social foram inclusos na avaliação dos programas de pós-graduação no ano de 2007, sob argumento de que assim se obteria uma melhor qualidade para o campo científico, pois “expressa o reconhecimento oficial pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (doravante Capes) de que a pós-graduação tem uma responsabilidade social e que a ciência deve ter como alvo do seu desenvolvimento a melhoria das condições de vida” (BOUFLEUER, 2009, p. 372).

Mesmo que alguns entendimentos tenham reduzido a inserção social a um conjunto de novas atividades a serem cumpridas na pós-graduação, a tentativa anunciada no documento apresentado por Janine Ribeiro¹ era de dar visibilidade para os possíveis desdobramentos sociais oriundos da produção científica e da formação acadêmica. Seria a ciência convocada a olhar e auxiliar os problemas ditos sociais? Qual o alcance dos resultados das pesquisas desenvolvidas nas universidades? De que modos a ciência foi dissociada dos problemas do país e teria se enclausurado no âmbito meramente acadêmico? São perguntas mobilizadoras para se pensar no binômio presente no documento: melhoria da ciência – melhoria do país. Ou seja, a ciência (enquanto produtora do conhecimento científico) e a universidade (*locus* privilegiado do fazer ciência) são questionadas sobre seu papel, que não raro se vê restrito a um determinado campo e desconectado da vida, dos problemas e das potencialidades do local onde estão inseridas.

Uma ciência que não se atenta para outros olhares e cujos movimentos são sempre iniciados no centro “universitário” assume o risco de não chegar às periferias e margens, bem como o de restringir os seus pares aos seus muros. Como observa Jacques Rancière (2018, p. 127), em *O mestre ignorante*, “assim a igualdade permanece a única capaz de explicar uma desigualdade que os desigualitários serão sempre impotentes para pensar”.

Face a essas afirmativas, elegemos a análise do discurso em Michel Foucault para mapear os modos de funcionamento da inserção social no Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas (doravante PPGEEC) e discutir os seus efeitos. Sendo assim, não nos limitaremos a quantificar

¹ Diretora da Capes no ano de 2007 quando da inclusão da inserção social como quesito da avaliação dos programas de pós-graduação no Brasil, juntamente com os itens “produção acadêmica”, “corpo docente” (pesquisa e qualificação) e “proposta do programa” (o seu recorte acadêmico e curricular e os compromissos assumidos com o desenvolvimento).



ou nomear os tipos de atividades desenvolvidas nesse quesito, mas, para além disso, buscamos problematizar os modos de funcionamento. Para empreender as análises, firmamos o propósito de desnaturalizar as descrições, caracterizações e definições que determinam supostas verdades, modos de ver e dizer a inserção social.

A análise se refere ao período de 2019² a 2022. Tivemos acesso a todos os formulários entregues pelos mestrandos após a realização das atividades relacionadas a esse quesito na tentativa intencional de fazer uma montagem de saberes e normalizações que tecidas dentro de relações de poder carregam também suas intencionalidades. Após pensarmos um tempo sobre esses materiais, decidimos fazer uma leitura de cada um. A produtividade dessa aproximação foi o estabelecimento de uma rede de enunciados que dão visibilidade aos impactos que um curso de pós-graduação na área de ensino traz à sociedade, especialmente à educação básica. Assumimos que as inserções sociais não nos fixariam em “novas verdades” ou naquilo que apresenta a realidade, pois, pensando com Foucault (2012), a verdade é produto de um tempo e espaço – no espaço, na medida em que é aceita em determinado local e, no tempo, na medida em que há limites cronológicos para a sua validade em uma determinada época, conseqüentemente é mutável.

Nessa trama discursiva, emerge o enunciado “Ideia de inserção social regional do PPGEEC como impacto social na Amazônia”, que dá visibilidade para os desdobramentos dos impactos para a educação básica na Amazônia. Mais do que quantificar isso ou aquilo, tal enunciado trata de problematizar a capacidade de um programa explicitar a forma como articula em seu âmbito a contínua modificação do conhecimento, a formação de profissionais e as demandas de transformação social.

2 INSERÇÃO SOCIAL COMO DISCURSO

Aqui em nosso movimento de escrita, desejamos problematizar a “inserção social” em um programa de pós-graduação e seu funcionamento no programa do qual fazemos parte. Para isso, permitimo-nos fazer aproximações com os estudos e contribuições de Michel Foucault,

² Este foi o ano que esse quesito foi incluído como item obrigatório para os mestrandos do PPGEEC.

sobretudo no que diz respeito à ferramenta “discurso”, entre outros autores que se aproximam da perspectiva pós-estruturalista. Acreditamos que essa possibilidade é factível ao vermos e considerarmos a “inserção social” como uma produção. “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2008, p. 132).

Os discursos põem os enunciados em funcionamento; estes, por sua vez, circulam nos diversos espaços. Os enunciados não são qualquer coisa que se diz. Os enunciados ativos, falados ou escritos, sempre acontecem por uma rede discursiva e formam a base das nossas ações. Assim, na “inserção social” como produção, há um discurso que não é algo vindo do desenvolvimento científico e que não necessariamente torna uma pós-graduação melhor:

O enunciado é um tipo muito especial de ato discursivo: ele se separa dos contextos locais e dos significados triviais do dia a dia, para constituir um campo mais ou menos autônomo e raro de sentidos que devem, em seguida, ser aceitos e sancionados numa rede discursiva, segundo uma ordem – seja em função do seu conteúdo de verdade, seja em função daquele que praticou a enunciação, seja em função da instituição que o acolhe. (VEIGA-NETO, 2007, p. 94-5)

Em uma rede discursiva, há outros discursos e enunciados que podem se encontrar e constituir assim uma análise, ainda que sejam diferentes em seus modos organizacionais. Assim, a inserção social como discurso, é uma produção coletiva que dá sentido às falas e ações dos sujeitos envolvidos, ambas intencionalmente praticadas em função da sua ordem/verdade.

Os discursos articulam o que pensamos, o que falamos e o que fazemos em nosso complexo mundo discursivo. E tudo aquilo que manifestamos e que repetimos com tanta veemência sem, contudo, problematizarmos, tudo aquilo que aceitamos com tanta tranquilidade é efeito de construções a partir dos fatos discursivos e de suas regras de funcionalidades, que estão inseridas no próprio discurso.

A inserção social como discurso fabricado para o movimento da avaliação dos programas, por exemplo, se diz ação como caminho para os programas de pós-graduação chegarem até a sociedade por meio de cursos e palestras. Supostamente, nesse movimento, a universidade estaria a fornecer, por meio de suas pesquisas, um retorno à sociedade. Supõe-se, assim, que “tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio e que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele mesmo recobre e faz calar” (FOUCAULT, 2008, p. 28).



Inserida em uma teia discursiva trançada por relações complexas, com amarrações, aberturas menores e maiores, todas interligadas entre si, a inserção social de um programa de pós-graduação está enredada por conceitos que lhes são próprios. É que “tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente, ou seja, enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder” (FISCHER, 2001, p. 200). Nessa perspectiva de pensamento, tudo é prática.

Deste modo, as ações e mobilizações que se dizem como “inserção social” em um programa de pós-graduação, teoricamente, são movimentos de aproximações entre saberes, experiências e vidas. Ou, pelo menos, essa é uma ideia ressoante nos ensaios dos encontros formativos. Acredita-se, enfim, que cada movimento desse será diferente. Mas não necessariamente, sobretudo se pensarmos nas práticas institucionalizadas que definem e fixam padrões de como que as mesmas devem ser realizadas. Estas podem, inclusive, suprimir a criação, a artistagem e inventividade dos participantes e futuros professores, ao limitar as possibilidades possíveis de expansão.

Nesse sentido, parece-nos que a categoria “avaliativa” seria uma das mais privilegiadas para a realização de inserções sociais. Trata-se de uma categoria com discursos que circulam em uma dimensão inerente e apropriada a uma pós-graduação, com verdades fixas, lineares e generalistas que fragilizam o processo. É produto de um discurso que parece considerar não as vidas e suas potencialidades, mas o cumprimento das regras impostas. Não possui muitas dobras para dar atenção à própria dinâmica da vida, que foge aos medidores e que não costuma acontecer em um tempo cronológico e burocrático.

“É preciso que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares” (FOULCAULT, 2008, p. 24). É preciso desfamiliarizarmo-nos desse porto único e desconfiar das coisas prontas e acabadas, produtos de uma relação saber-poder centralizadora que permite o funcionamento aos discursos unitários. É preciso ainda desassossegar-mo-nos a respeito desse dito retorno que está chegando a nossa sociedade. Afinal, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos nos apoderar” (VEIGA-NETO, 2007, p. 89-90). Em suma, ele está além das coisas simples.

A palavra *inserção* nos parece com uma ideia de que será adicionado algo em outra coisa, ressoante de algo que precisa ser acrescentado, sob um pretexto de retorno da universidade à sociedade por meio da “inserção social”. Parece-nos um conceito construído hierarquicamente que coloca a universidade como possuidora do saber e detentora das verdades inquestionáveis.

Assim, o “conhecimento passa a ser entendido como produto de discursos cuja logicidade é construída” (VEIGA-NETO, 2007, p. 92). Ao problematizarmos a inserção social aqui como discurso produzido, é desejar saber como ela funciona e acontece, mas além disso, é também ensaiarmos possibilidades outras.

Tornamo-nos sujeitos resultantes das redes e relações de poder e saber que nos enlaçam e determinam nossos modos de ser, considerando aquilo que é pronunciável, isto é, na forma de práticas discursivas. Essas redes e relações “moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele” (VEIGA-NETO, 2007, p. 93). Elas também se manifestam em forma de práticas não discursivas, como no caso do controle que exercem sobre nossos corpos. Deve-se levar em conta que ambas as práticas se relacionam na realidade em vivemos.

Portanto, tudo está dito e evidente. Não há nada escondido ou camuflado nas entrelinhas. Nada está solto. “Até mesmo os silêncios são apenas silêncios, para os quais não interessa procurar preenchimentos; eles devem ser lidos pelo que são e não como não-ditos que esconderiam um sentido que não chegou à tona do discurso” (VEIGA-NETO, 2007, p. 98).

Deste modo, ao problematizarmos a inserção social como produção e fabricação discursiva, precisamos sacudir nossos pensamentos e ações, sejam elas sociais ou educacionais. Desejamos deixar os caminhos abertos para aproximações e distanciamentos, para outros pensamentos e perspectivas. Não queremos negar o que já existe, mas trilhar outros caminhos, menores e talvez provisórios. Em suma, precisamos desconfiar do que nos é colocado como fechado, acabado e conformado.

Nosso interesse aqui não é o de afrontar o que já existe sobre a questão aqui tratada, mas o de humildemente perceber que a “inserção social” está dita como algo permanentemente fragilizado, ou talvez como algo que é tratado como apenas mais uma exigência institucional a ser desenvolvida sem nenhuma preocupação com seu efeito para os envolvidos no processo. A “inserção social” como discurso produzido e ação discursivamente fabricada nos parece algo



pontual e eventual em seu modo de acontecer, pois acaba restrita e sem muito sentido para o mestrando.

Como seria, por exemplo, se pensássemos nos objetivos traçados e seus efeitos, uma vez que, de acordo com alguns temas propostos, que, por sinal, muitas vezes, podem até soar inexequíveis, se refletíssemos acerca da forma como geralmente acontecem – palestras ou encontros que visam sanar problemas sociais? E ainda, quando uma inserção social é dada como realizada dentro do processo de estágio acadêmico, visto que esse estágio em específico acontece no próprio espaço físico da universidade? Como ficaria o discurso de suposto retorno da universidade à sociedade?

Portanto, modestamente, nessa perspectiva, não estamos nos comprometendo para resolvermos problemas ou oferecer supostas mudanças dentro dessa questão. O que buscamos é experimentar e observar, de outra maneira, elementos trazidos nesse movimento, vislumbrar e potencializar reflexões em torno do assunto. Acreditamos que “nenhuma questão tem resposta definida, definitiva e acabada e que, até mesmo, forçar respostas não é o melhor caminho” (VEIGA-NETO, 2007, p. 26).

3 ENCONTROS E DESENCONTROS DA INSERÇÃO SOCIAL NOS DOCUMENTOS DA CAPES E NO REGIMENTO DO PPGEEC

No tópico de verificação do rendimento escolar do PPGEEC, o discente é avaliado pelas “atividades complementares desenvolvidas no período do curso” (PPGEEC, 2018, p. 12). Entre estas atividades, está inserida a inserção social.

A inserção social é citada primeiramente no regimento nos critérios estabelecidos para Atividades Complementares, na Seção I, onde se trata da estrutura acadêmica e da integralização curricular. Esta seção define que serão concedidos dois créditos ao aluno que finalizar sua inserção social e ainda explicita que um “crédito corresponde a quinze horas de aula teórica, ou trinta horas de aula prática, ou trabalho equivalente” (p. 11).

Uma vez que o aluno do programa integralizar trinta e nove créditos, distribuídos entre disciplinas regulares (obrigatórias e eletivas) e atividades complementares, o regimento do programa atribui o peso de avaliação de 5,12% no quesito *inserção social*, como atividade complementar para que o aluno possa integralizar a obrigatoriedade de obter 39 créditos.

Sob o mesmo quesito, o documento de área de ensino da Capes que norteou o quadriênio avaliativo – 2013 a 2016 – atribui à inserção social (quesito cinco da avaliação) o peso na avaliação de 15% para cursos acadêmicos, tornando assim este um item imprescindível para a área.

Além do propósito de apurar a qualidade dos programas de pós-graduação (doravante PPG) do país, este documento procura auxiliar “o aumento da eficiência dos PPG no atendimento das necessidades nacionais e regionais de formação de recursos humanos de alto nível para o Ensino” (CAPES, 2016, p. 22) e aponta alguns exemplos de inserções sociais tais como:

Cursos e projetos de extensão, cursos de aperfeiçoamento, especialização e atualização; feiras de ciência, gincanas, atividades não formais; construção/execução de políticas públicas; redução do gasto público e benefício direto a população ou organização de sociedade. (CAPES, 2016, p. 28)

No regimento do PPGEEC, há elementos oriundos no documento da Capes. No anexo I (tabela das atividades complementares), é relatada, a título de sugestão, a formulação de alguns exemplos para que o aluno possa realizar essa inserção:

- Realização de oficina de pesquisa e ensino de ciências (Ciências Biológicas, Química, Física, Pedagogia, Matemática (...));
- Minicurso de pesquisa e ensino de ciências (Ciências Biológicas, Química, Física, Pedagogia, Matemática (...));
- Novas abordagens didáticas do ensino de ciências (Ciências Biológicas, Química, Física, Pedagogia, Matemática (...));
- Palestras sobre os resultados da pesquisa para professores e alunos da Educação Básica;
- Divulgação Científica na Educação Básica;
- Elaboração de Cartilha de Divulgação Científica;
- Demais Produções (expressas em processos, materiais, tecnologias educacionais e sociais, propostas educativas, políticas públicas);
- Colóquio sobre Ensino de Ciências;

Com esses exemplos, temos o intuito de demonstrar que tais sugestões mostram como a inserção social está associada às dimensões centrais do programa. É “fundamental um olhar do próprio programa que explicita como se compreende a presença dessa dimensão de inserção social no conjunto de suas atividades” (BOUFLEUER, 2009, p. 381). Também a inserção social para o programa é vista como uma “apresentação da pesquisa com ênfase na sua realização e resultados” (p. 20), devendo ocorrer em, no mínimo, uma escola de educação básica da rede



pública do estado. Ao programa, o discente deve entregar o plano de atividades executadas ao longo do curso para que a apresentação da pesquisa seja divulgada para a comunidade escolar. Por fim, ainda cabe ao discente elaborar um relatório de realização de sua inserção social.

Em vista disso, estamos em desacordo com o documento da Capes que conceitua a inserção social como um “impacto educacional e social”. É que não nos baseamos somente em produções escolares, como exposto no regimento, que propõe a inserção social como uma apresentação da pesquisa com seus resultados (produções) para professores e alunos (PPGEEC, 2018, p. 20). Ao contrário, acreditamos que podemos produzir um olhar diferenciado destes pontos, pois “a inserção social não se refere à produção, mas a ações na sociedade” (CAPES, 2016, p. 28).

Mediante o exposto, Ferraço e Farias (2021, p. 432) propõem que “é preciso considerar que não há inserção social melhor ou pior,” pois existem encontros e desencontros de cada programa com o documento. Cada programa busca refletir-se por meio de um termo amplo, complexo e de difícil compreensão; cada um deles anseia uma maior clareza neste quesito do Documento da Área de Educação e Ensino. Com isso, talvez se possa “considerar as diferenças na expectativa de, na medida do possível, construir acordos e estabelecer parâmetros, isto é, instituir um “comum” como um efeito da diferença a ser tomado como referência” (p. 434), um comum que possibilite uma maneira coerente de cada programa dizer de si.

Por outro lado, o documento que apresentou a inserção social como novo quesito na avaliação da Capes, escrito por Renato Janine Ribeiro e divulgado em 2007, destinou um tópico para falar da autonomia dos PPG e definir como compreendem a inserção social. Apesar de citar exemplos diversos, essa introdução quesito também afeta a autonomia de os doutores e seus orientandos, no sentido de definir como estes irão atuar diante de desafios determinantes para a sociedade.

Dessa maneira, nota-se uma genuína busca por conhecer e perscrutar um termo carregado de significados e interpretações. Mergulha-se em um reconhecimento oficial da Capes e dos PPG de que todos possuem uma responsabilidade social, o que tem gerado encontros e desencontros no decorrer deste movimento.

4 ANÁLISE ENUNCIATIVA DAS INSERÇÕES SOCIAIS DO PPGEEC (2019-2022)

Podemos dizer que a inserção social no PPGEEC é recente, pois sua solicitação como requisito avaliativo dos mestrandos iniciou-se em 2019. Por isso, todos os documentos ora analisados datam de 2019 a junho de 2022. Tivemos um total de 43 processos, 23 processos físicos e vinte virtuais. No ano de 2020, com a pandemia de covid-19, os processos da universidade e, conseqüentemente, do próprio programa tornaram-se todos digitais. Dos 43 processos analisados, somente 22 continham o relatório da inserção social. No entanto, dentre esses 22 processos, nem todos os relatórios eram claros sobre o tipo de atividade que tinha sido realizada, visto que, em muitos deles, o relatório estava junto com outro relatório, este pertinente ao estágio de docência, também exigido pelo PPGEEC.

Dessa forma, perguntamos: uma atividade pontual é suficiente para afirmar que seu impacto é aquele preconizado no documento oficial? Muitos documentos que justificam a inserção social parecem estar associados ao estágio de docência ou à própria construção da dissertação. Quais as intencionalidades da inserção social para além de produzir um mero relatório?

Com esses questionamentos, engajamo-nos na leitura de relatórios com o fito de melhor compreender as modalidades apresentadas como ferramentas de inserção social, bem como seus impactos sociais e educacionais. Dos 22 relatórios, obtivemos um total de cinco rodas de conversa: cinco na modalidade *Aula*, quatro oficinas, quatro palestras, quatro apresentações do estudo da dissertação e uma não identificada, pois o relatório descritivo não constava no documento, tão somente a informação de que foi feita a entrega da inserção social (cf. tabela 1):

Tabela 1 – Modalidades de Inserção Social no PPGEEC (2019-2022).

QUANTIDADE	ANO	PROPOSTA TEMÁTICA	PÚBLICO-ALVO	MODALIDADE
2	2019	Poluição hídrica; Divulgação científica na Educação Básica (EB)	Estudantes do Ensino Fundamental	Aula Aula



3	2020	Analogias e metáforas; Educação Ambiental; Tratamento epistêmico da ideia de “erro” na aprendizagem	Professores da EB; Gestores escolares, Alunos do 9º ano; Professores, pedagogos e gestores da EB	Roda de conversa; Roda de conversa; Roda de conversa
3	2021	Vida, evolução, corpo e corporeidade; Reciclagem; Canções amazônicas para o aprendizado de Biologia	Professores da área de Ciências; Subsecretário de Gestão Educacional e assessores técnicos; Professores do Ensino Fundamental	Roda de conversa; Apresentação da Dissertação; Aula teórica
11	2022	Não há registro da atividade; Educação STEAM; Olhar arqueológico-artístico do componente de Ciências Naturais; Ensino de Ciências em quadrinhos; Lúdico e a Educação Infantil; Conhecimento tradicional indígena e o Ensino de Ciências; Cuidados com a higiene física, mental e social; Matemática na modalidade EJA; Avaliação de aprendizagem;	Não identificado; Professores do Ensino Médio; Professores da SEMED-Manaus; Professores e estudantes do 9º ano; Professores da Educação Infantil; Acadêmicos de Pedagogia; Alunos do 5º ano; Professores da EJA; Professores dos Anos Iniciais;	Não identificado; Apresentação da dissertação; Oficinas; Oficina; Palestra; Aula remota; Aula; Apresentação do Estudo; Palestra; Palestra;

		A matemática no cotidiano; Paradidático STEAM	Estudantes dos Anos Finais; Acadêmicos do curso de Design Gráfico	Oficina de paradidático
3	2022	Brincadeiras das infâncias e ideias matemáticas nos anos iniciais; Jogos interativos: Alimentação Saudável; Ensino de Ciências em espaços não-formais;	Professores e gestão escolar dos Anos Iniciais; Estudantes da EJA; Professores, pedagogo e gestora do Ensino Fundamental	Roda de conversa; Oficina; Palestra

Fonte: Próprios autores, 2022.

Investigamos os relatórios e seus ditos pela via pós-estrutural da análise de discurso em Foucault. Para nós, então, os discursos presentes em tais documentos não decorrem de inocentes descrições de um suposto ambiente natural, mas de construções que impõem visibilidade, mas que também produzem invisibilidade ao naturalizar-se no olhar. Como diz Baracuhy (2010, p. 168):

A análise do discurso rejeita a ideia de um sujeito estrategista, intencional, que tem a liberdade de falar o que quer; ao contrário, para o campo do saber em questão, o discurso do sujeito é pautado tanto pela ordem da língua como pela ordem sócio-histórico-ideológica. Seus dizeres são controlados, selecionados e organizados por vários procedimentos de controle social.

Ao escolhermos as ferramentas dos trabalhos foucaultianos, levamos também as discussões, os cortes, os desvios, os não-ditos, as diversas caracterizações, as dissoluções, as instabilidades. Veiga-Neto (2006, p. 84) sintetiza bem essa escolha: “iremos colocando tudo sob suspeita, desde as nossas maneiras de pensar, nossas verdades e certezas, até mesmo o martelo com que martelamos a nós mesmos ou a chave de fendas com que torcemos nossas ideias”.

Assim, endereçamos um enunciado para a análise, no caso, a dita *inserção social regional do PPGEEC como impacto social na Amazônia*. Neste enunciado, podemos primeiramente pensar sobre o que seria impacto. Entendemos o impacto como o efeito que as ações e produções do PPEGG têm para a melhoria da qualidade do ensino para a sociedade e



que contribui com a consolidação da missão do programa. “Necessita ser evidenciado a partir dos seus resultados e efeitos, a médio e longo prazo, em termos de avanço do conhecimento científico e tecnológico na área, bem como nas repercussões das investigações na qualidade do ensino brasileiro” (CAPES, 2019, p. 10).

Isso quer dizer que a área de ensino valoriza como impacto social a interação dos PPG e os processos formativos, tais como as atividades desenvolvidas pelo PPGEEC. No entanto, o olhar sobre inserção social supostamente não se restringe a um encontro pontual de atuação, mas, sim, a parceria entre universidade em nível de pós-graduação e a educação básica com intuito de melhoria do ensino. Dessa forma, vamos acompanhar que, na última avaliação quadrienal da Capes 2017-2020, a ficha de avaliação retirou o termo inserção social para impacto na sociedade. Isso significa dizer que a avaliação dos PPG e sua relação com a sociedade, fora dos muros das universidades, causa uma grande tensão nos pesquisadores ao não entenderem o que significa impacto e sociedade.

Quando olhamos para as produções ditas de inserção social do PPGEEC (cf. tabela 1), podemos notar muitas atividades pontuais de apresentação das discussões que cada projeto anunciou em suas dissertações de mestrado. Mas ampliar a ideia para o impacto, o efeito daquele processo acadêmico no meio social, é garantir também uma maior presença dos cursos de PPG na sociedade. É nessa linha que podemos apresentar a inserção intitulada “Olhar arqueológico-artístico do componente de Ciências Naturais” (2022), que, mesmo alinhada ao tema de pesquisa, é planejada para o espaço escolar, mais precisamente, para a formação continuada dos professores, na tentativa de constituir processos que tragam uma contribuição para o ensino básico.

As oficinas consistiam em realizar uma experimentação com professores que ensinam Ciências em diferentes escolas para trazer uma multiplicidade de olhares acerca deste componente nos anos iniciais. Com inspiração arqueológico-artística, foi proposto aos professores escavar em suas memórias as ideias guardadas sobre o Ensino de Ciências em diferentes momentos de suas vidas e formação. A ideia desta escavação é problematizar de que modos os professores que ensinam Ciências compreendem esse componente ao longo dos marcos histórico-legais (2004; 2014; 2021), considerando a questão do espaço-tempo do Ensino de Ciências na Escola.

Os discursos acerca do componente *Ciências* são tomados não em busca de remontar uma história linear desse componente a partir das memórias dos participantes, mas, sim, de apontar os elementos que possibilitem descrever a multiplicidade dos ditos que remetem à formação discursiva desse componente. Nas palavras de Foucault (2008, p. 55):

As palavras e as coisas é o título – sério – de um problema; é o título – irônico – do trabalho que lhe modifica a forma, desloca seus dados e revela, afinal de contas, uma tarefa inteiramente diferente, que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente, os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

Ao se ocupar das ideias que os professores apresentaram sobre o Ensino de Ciências nos anos iniciais dentro do nosso recorte e sobre a questão do espaço-tempo, foi possível fazer aparecer esse “mais”, ou seja, teve-se o entendimento de que as nossas formas de ver, de ser e de dizer estão condicionadas por um acervo discursivo que nos instalamos em lugares fixos, em nossas certezas, em muitas verdades. Ao final dos três encontros, os professores discutiram sobre a possibilidade de produzir outras formas discursivas que deslocassem permanentemente o já estabelecido, cristalizado, demarcado no Ensino de Ciências em sala.

Ficam evidentes alguns indicativos que possibilitam afirmar o impacto social dessa atividade. Entre eles, porém, não está o número de professores atendidos, nem a mera aplicação de conhecimentos científicos de maneira repetitiva, nem o emprego de algum tipo de ação bem-sucedida para o ensino de determinado tema. Mesmo sendo importantes, o cerne da proposta apresentada é a identificação de como os professores entendem o Ensino de Ciências e, a partir disso, a multiplicação das formas de ensino que superem a dimensão cognitivo-racional.

Um outro ponto que merece destaque na análise das inserções sociais no PPGEAC é a ideia de Amazônia. Como ela é apresentada? Quais problemas educacionais são postos em visibilidade pelas pesquisas? Como se movimentam as investigações científicas para minimizar tais situações? Nos formulários analisados, a Amazônia é descrita e instituída por seus ditos aspectos naturais, fazendo circular visibilidades e dizibilidades acerca da escola a partir da escassez e dos problemas educacionais. Assim, supostas verdades são articuladas em torno de modos considerados certos e necessários para lidar com os recursos naturais e a biodiversidade



amazônica. Vejamos, então, alguns trechos que inventam a Amazônia desses materiais analisados:

Tema: A seringueira numa perspectiva interdisciplinar para a preservação da Amazônia.

Objetivo: Demonstrar o potencial pedagógico para práticas educativas com elementos da floresta tendo como recurso facilitador a árvore da seringueira.

Tema: O Ensino de Ciências em espaços não-formais amazônico: Diálogos entre os saberes locais e científicos

Objetivo: Compartilhar os resultados da pesquisa de mestrado sobre o tema: O Ensino de Ciências em espaços-não formais amazônico e as possibilidades de diálogos entre saberes ociais e científicos expressos por estudantes de uma escola estadual da cidade de Manacapuru-AM. (RELATÓRIO DE INSERÇÃO SOCIAL, 2019, p. 3)

Nos trechos acima, é descrita uma Amazônia que é sinônimo da natureza, de exuberância natural e que precisa ser preservada. A produtividade desse discurso é a fabricação de uma Amazônia ameaçada ao naturalizar os problemas ambientais como constituintes dos modos de olhar e falar dela. A Amazônia suscetível é aquela onde a intervenção humana se configura como elemento determinante na devastação ou conservação dos seus recursos naturais.

É também na esteira de produção da Amazônia ameaçada (aquela que é apenas recurso natural finito) que se instituem as chamadas práticas ambientais corretas, sustentáveis, que afirmam a necessidade de um fino equilíbrio que permita a coexistência de conforto e impacto ambiental, desenvolvimento e preservação progresso e vida saudável. Se, em épocas anteriores, falávamos de um espaço abundante em fauna, flora e outros recursos naturais que necessitavam da intervenção humana para descrevê-lo e domá-lo, agora se destacam a finitude desses bens e as consequências desta finitude para a vida humana. A Amazônia passa a ser, então, uma preocupação mundial e mantê-la de pé é como uma responsabilidade de todos.

A trama discursiva presente nas temáticas das pesquisas inventa uma Amazônia ameaçada e a movimentação dos estudos se dão pelo desenvolvimento de maneiras apropriadas para o ensino de formas adequadas de se relacionar com a floresta. Freitas (2010) ousa dizer que nessa busca o discurso da Amazônia como harmonia entre povos e floresta é posto em circulação como o verdadeiro modo de lidar com esse espaço. Por isso, constantemente as pesquisas e, conseqüentemente, as inserções se ocupam em olhar para a relação dos indígenas e das comunidades tradicionais com a floresta, como via adequada e necessária para sua proteção.

Considerada essa conjuntura, apontamos como potente que os programas de pós-graduação dediquem esforços no sentido de que as dinâmicas de produção do conhecimento e de formação de pesquisadores se articule com a dinâmica social e escolar de modo a romper com as identificações de uma Amazônia meramente indígena, primitiva, subdesenvolvida, exótica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o efeito que ações e produções do PPGEEC produzem na sociedade é também avaliarmos a interação que o programa tem com a realidade que o cerca. Em outras palavras, isso também afeta as escolas e as licenciaturas que formam os professores que atuarão na Educação Básica, lugares e estruturas que balizam e movimentam o ensino em espaços não-formais e tantas outras possibilidades que o ensino poderá existir na sociedade.

Nesses discursos, assim como nas práticas dos professores, geralmente, já estão presentes modelos e ideias fechadas sobre o tema em questão, o que produz verdades e subjetividades sobre aqueles que se situam na categoria de pesquisadores. Ali são fabricados modos de ser e ver tais subjetividades. Assim, há pouco espaço nesses discursos para a problematização dessas fabricações, pois já existe um padrão naturalizado do que é Ciência, Ensino e suas relações com a sociedade, o que também engloba os modos de ser e viver nela.

Os cursos de PPG são lugares que atuam energicamente na naturalização desses modos e na invenção de um modo de pesquisar e de existir na sociedade e, portanto, dos elementos que a constituem. Dessa forma, o deslocamento proposto consiste em passar da discussão das inserções sociais ora propostas por esses discursos (visão moderna), em sua maioria, pautados apenas em atividades pontuais, instrumentalistas e simplificadas, para algo maior. Queremos o incentivo de práticas e de professores que oportunizem diferentes modos de dizer a pesquisa no ensino e que aumentem seu impacto na sociedade, tais como projetos e programas de extensão que articulem pesquisa e ensino universitários em nível de pós-graduação *stricto sensu*. Porque problematizar as ideias sobre inserção social presentes no regimento do PPGEEC é uma forma de pensarmos outros modos de existência.

Contudo, pensarmos uma adequada formação do professor é de fundamental importância para o exercício de sua prática, pela postura que irá adotar no encaminhamento de suas ações. Nos últimos anos, essa formação tem passado por uma revisão crítica substantiva,



uma vez que muito se tem questionado o papel da educação na sociedade e a falta de clareza sobre a função do educador. Isso remete à questão da formação tradicional dos educadores que acontece desvinculada da situação sociopolítico-cultural do país e que considera o professor um especialista em conteúdo, um transmissor de saberes acumulados, desvinculados da realidade do aluno e do contexto social mais amplo. Assim, podemos perceber o grande impacto que poderá ser gerado a longo prazo com a ampliação da inserção social nos cursos de PPG e seu entendimento na proposta de atuação da pós-graduação na área de ensino no Brasil.

REFERÊNCIAS

BOUFLEUER, J. P. Inserção social como quesito de avaliação da pós-graduação. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 18, n. 37, p. 371-382, maio/ago. 2009.

BARACUHY, Maria Regina. Análise do Discurso e Mídia: nas trilhas da identidade nordestina. **Veredas on-line** – análise do discurso. 2010.

CAPES. **Documento de área 2016** – Educação. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/avaliacao-da-pos-graduacao>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

CAPES. **Documento de área 46** – Ensino. Brasília, 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ENSINO.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA – (UEA). **Regimento do PPGEEC**. 2019. Disponível em: <<https://pos.uea.edu.br/ensinodeciencia/categoria.php?area=REG>> Acesso em: 12 jun. 2022.

FERRAÇO, C. E.; FARIAS, I. M. S. de. Inserção Social: em busca de sentidos e de indicadores para a avaliação da pós-graduação na área da Educação. **Ensaio: Avaliação E Políticas Públicas Em Educação**, Rio de Janeiro, v.29, n.111, p. 420-440, abr./jun. 2021.
<https://doi.org/10.1590/S0104-40362020002802413>

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p.197-223, 2 nov. 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução L. F. A. Sampaio, São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREITAS, Marcílio de. Educação, desenvolvimento sustentável e Amazônia. In: FREITAS, Marcílio; SILVA, Marilene Corrêa da; BARROS, Marcos. **Diálogos com a Amazônia**. Manaus: Valer, 2010.

RIBEIRO, R. J. **Coordenação para Aperfeiçoamento de Pessoal de Educação Superior
Inserção social.** Disponível em:

<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/artigos/Artigo_23_08_07.pdf> Acesso em: 12 jun 2022.

RANCIERE, Jacques. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Na Oficina de Foucault.** In: KOHAN, Walter; GONDRA, José (org). Foucault 80 anos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM.

COMO CITAR - ABNT

COSTA, Mônica de Oliveira; OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; AZEVÊDO, Ana Patrícia de Souza; LIMA, Thalita Maciel Meleiro; BENTES, Gabriel da Silva. Inserção Social e modos de funcionamento na Educação em Ciências na Amazônia. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v.18, n.32, e22019, ago./dez., 2022. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v18.n32.3704>

COMO CITAR - APA

Costa, M. de O., Oliveira, C. B. de, Azevêdo, A. P. de S., Lima, T. M. M., Bentes, G. da S.. (2022). Inserção Social e modos de funcionamento na Educação em Ciências na Amazônia. *Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, 18(32), e220219 <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v18.n32.3704>

LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* ([CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



HISTÓRICO

Submetido: 10 de julho de 2022.

Aprovado: 27 de setembro de 2022.

Publicado: 23 de novembro de 2022.